



NEWSLETTER

ABRIL 2022

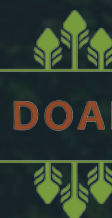


— INSTITUTO —

JURUÁ

CONFIRA AS NOVIDADES DE ABRIL
DO INSTITUTO JURUÁ

CONTATO@INSTITUTOJURUA.ORG.BR



DOAR

NOTÍCIAS

30 anos de ASPROC: a associação que inspira o melhor futuro para a Amazônia

Por João Victor Campos-Silva

A assembleia anual da Associação dos Produtores Rurais de Carauari foi marcada pela memória das conquistas da luta coletiva no Médio Juruá

Entre os dias 31 de março e 2 de abril, a equipe do Instituto Juruá participou da assembleia da [Associação dos Produtores Rurais de Carauari](#) (ASPROC). Essa assembleia foi bastante especial, pois além dos ritos tradicionais de prestações de contas, informes gerais e apresentações de resultados de projetos, foi definida a nova diretoria que irá conduzir os projetos da organização nos próximos três anos.



Foto: Marcelo Cwerner.

A ASPROC também aproveitou a presença de cerca de 300 associados e dezenas de parceiros para comemorar seus 30 anos de história. E que história! O surgimento e atuação da ASPROC ilustra bem a luta dos povos tradicionais na Amazônia. Uma luta coletiva, agregadora, que tirou toda uma população ribeirinha das garras dos patrões, para viverem sua liberdade enquanto ensinam o mundo sobre uma nova forma de se relacionar com a natureza.

Nesses caminhos houveram muitas quedas e dificuldades que ainda se fazem presentes, naturalmente. Mas queremos relatar o impacto positivo dessa luta, que é a mais potente fonte de inspiração para o Instituto Juruá.

A ASPROC foi o maior instrumento de luta do povo do Médio Juruá, que deixou as colocações para formar as comunidades com o auxílio sobretudo da igreja católica através do Movimento de Educação de base. Ali, lideranças se tornaram professores, proporcionando um engajamento coletivo que se fortalecia a cada dia para trazer os direitos sociais e humanos para a beirada do rio. Depois, a ASPROC liderou a criação das unidades de conservação na região, dando segurança fundiária aos extrativistas. Como resultado, o Médio Juruá se tornou essa potência que é hoje em dia quando o assunto é manejo dos recursos naturais e sustentabilidade. Chico Mendes deve ter um grande orgulho ao ver a lista grande de conquista dos companheiros!



Foto: Marcelo Cwerner.

A ASPROC emerge como uma organização corajosa que desafia as projeções convencionais para o futuro da Amazônia, ao colocar os povos tradicionais como protagonistas na pauta da conservação e do desenvolvimento local. Isso é fundamentalmente importante em um lugar ávido por modelos externos. **A ASPROC é o exemplo materializado de que se houver um futuro melhor para a Amazônia, esse futuro virá pelas mãos calejadas daqueles que vivem debaixo das camadas de florestas.**

Que a ASPROC possa comemorar mais 30, 60, 300 anos, inspirando e ajudando nossa sociedade a construir um futuro com mais justiça social para a Amazônia. Nós, do Instituto Juruá, desejamos uma excelente gestão ao senhor Ecivaldo Dias Ferreira e seus diretores na sua mais nova empreitada como presidente da ASPROC. Reiteramos também nosso mais profundo respeito e admiração por essa organização que tanto faz pelo Médio Juruá e pela Amazônia. Vida longa à ASPROC!



Foto: Marcelo Cwerner.

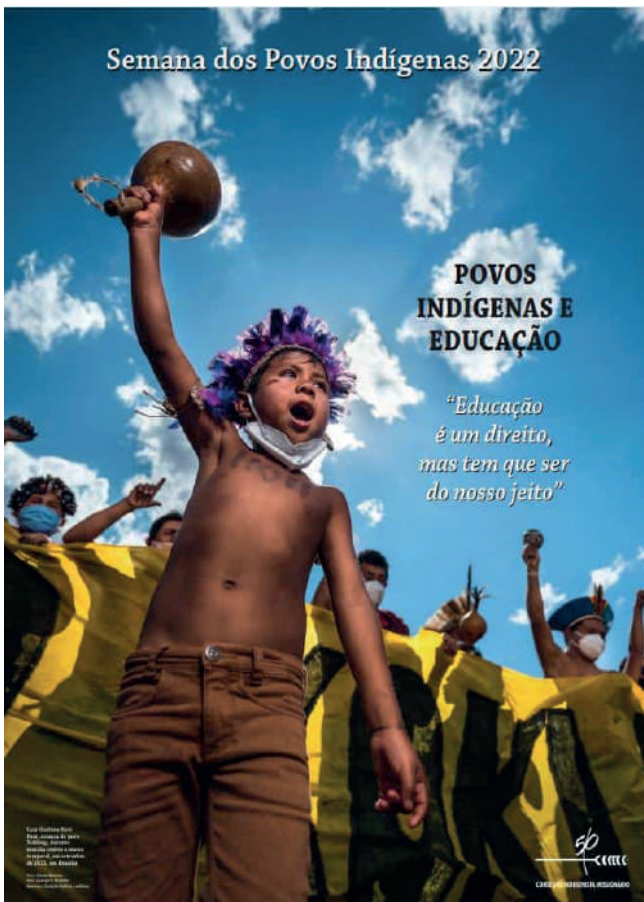
O tema da Educação pauta a Semana dos Povos Indígenas organizada pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI)

Por Fábio Pereira e Francisca Cardoso

A Semana dos Povos Indígenas busca unificar a luta de povos indígenas das diversas regiões do país e faz parte das celebrações nacionais do abril indígena, junto ao Acampamento Terra Livre, em Brasília.

Com o som do maracá, da batida dos pés no chão sagrado, nas cantorias e rezas, os povos celebram, ocupando seus territórios e pintando de urucum e jenipapo as praças e avenidas, as aldeias, os centros urbanos, celebrando aquele que para ele foi instituído o dia de festa, o dia do índio. Para os povos indígenas, o mês de abril se tornou um mês de luta, resistência, mas também de festividade e um momento que oferece maior visibilidade as suas reivindicações.

O abril indígena vem sendo celebrado de várias formas, sem perder o real objetivo que é fazer memória das lutas e projetar novos horizontes para um segmento que tem sido exemplo de resistência e organização: os povos indígenas do Brasil.



Texto: Fábio/CMI.

O **Conselho Indigenista Missionário** (CIMI) realiza desde a década de 1980, anualmente no mês de abril, a Semana dos Povos Indígenas. Apesar do nome, o evento se estende por todo o mês, e é um espaço que fortalece as lutas coletivas e o diálogo com o movimento indígena Nacional para juntos unificarem as lutas pela garantia dos direitos e defesa da vida dos povos indígenas. Direitos estes que estão sofrendo inúmeros ataques e sendo violados constantemente pelas instituições públicas nas diferentes esferas do governo.

O tema da semana dos Povos Indígenas de 2022 procura vincular-se ao tema da Campanha da Fraternidade, realizada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Este ano, a Campanha traz como tema: "Fraternidade e Educação" e o lema "Fala com sabedoria, ensina com amor". A Semana dos Povos Indígenas tem como tema: Povos Indígenas e educação, e o lema: "Educação é um direito, mas tem que ser do nosso jeito".

O lema da Semana dos Povos Indígenas de 2022, resgata a memória dos movimentos de professores indígenas que, desde a década de 1970, lutam para garantir políticas públicas de Educação que respeitem a sabedoria, as crenças e as formas de organização próprias de cada povo. Os indígenas buscam conduzir, no cotidiano de suas comunidades, processos educativos escolares diferenciados, condizentes com seus jeitos singulares de ser, pensar e viver.

A semana dos Povos Indígenas possibilita, ainda, aos povos indígenas debates, divulgação, expansão, reflexão, diversas manifestações, sejam elas de apresentações culturais, atos públicos, mobilizações nacionais e locais, rodas de conversas, e muito mais.

O evento reúne os povos indígenas, aliados e apoiadores que, de forma coletiva, se mobilizam, unificam suas lutas e suas pautas, em torno das lutas para barrar a retirada de direitos e fortalecer as políticas voltada as populações indígenas e a proteção dos territórios. Além de dar visibilidade a nível nacional, Estadual e Municipal às demandas dos povos sobre os processos de demarcação de terras, cobrando providências às violências e violações de direitos, se posicionando contra os projetos que de lei que agredem a vida dos povos indígenas e pelo fim do genocídio dos povos indígenas no Brasil.

Em torno da semana dos povos, o Acampamento Terra Livre é um dos eventos de maior visibilidade, reunindo povos indígenas de todo o país na capital federal. O acampamento completou, neste ano, a sua 18ª edição, que aconteceu entre os dias 04 e 14 de abril, com o tema “Retomando o Brasil: Demarcar Territórios e Aldear a Política”. O evento é articulado pelo movimento indígena, representado por organizações como a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), e convoca o movimento indígena das diversas regiões do Brasil e aliados da causa indígena para se mobilizarem em torno de pautas coletivas.

Dentre tantas pautas, o Acampamento Terra Livre se mobilizou principalmente “contra os projetos que violam os direitos dos povos indígenas como o Projeto de Lei 191/2020, que abre as terras indígenas para exploração em grande escala, como mineração, hidrelétricas e outros planos de infraestrutura; o Marco Temporal; o PL 490/2007, que insiste no fim das demarcações e na revisão de terras indígenas; o PL 6.299/2002 – Agrotóxicos, PL 2.633/2020; o PL 510/2021 – Grilagem; e o PL 3.729/2004 – Licenciamento ambiental”.

Celebrar o abril indígena é para os povos indígenas! Seja os que estão na aldeia ou no contexto urbano, seja dançando e cantando na sua terra tradicional, ou no tapiri cercado por grandes prédios, um dos momentos mais importantes, que entrando em sintonia com outros parentes das aldeias do Brasil, expressam de forma mais diversas o seu jeito de ser e viver.

Viva a luta dos povos indígenas! Brasil é terra indígena!

Organismo vinculado à CNBB



www.cimi.org.br



f Conselho
Indigenista
Missionário Cimi

t @CimiNacional

Fábio Pereira e Francisca Cardoso são missionários do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Regional Norte 1. O CIMI é um organismo vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil que, em sua atuação missionária, conferiu um novo sentido ao trabalho da igreja católica junto aos povos indígenas. O CIMI atua junto a mais de 180 povos indígenas em 26 estados e nas cinco regiões do Brasil, no Médio Juruá atuam junto ao povo Deni, Kanamari e Madija Kulina



Foto: Guilherme Cavalli/CIMI

Instituto Juruá é signatário da carta aberta do Ato pela Terra

Por Letícia Araújo

O protesto reuniu pessoas em Brasília no dia 9 de março para reivindicar o fim do Pacote da Destruição, um conjunto de projetos de lei relacionados ao meio ambiente.

O Instituto Juruá foi uma das 238 organizações signatárias da carta aberta produzida pelos organizadores do Ato pela Terra, que aconteceu no dia 9 de março, em Brasília. O Ato foi idealizado por Caetano Veloso junto à 342 Amazônia e contou, ainda, com o apoio de outros artistas, como Maria Gadú, Baco Exu do Blues, Seu Jorge e Lázaro Ramos.

O principal alvo dos protestos foi o Pacote da Destruição, um conjunto de projetos de lei relacionados ao meio ambiente. Eram seis projetos principais: o PL do Veneno (PL 6.2999/02), que flexibiliza o uso de agrotóxicos; os projetos que tratam sobre a regularização fundiária (PL 2.633/20 e PL 510/21), que abrem caminho para a grilagem; projetos que incidem diretamente sobre as terras indígenas (PL 490/07 e PL 191/20), facilitando a exploração destes territórios; e o PL do licenciamento ambiental (PL 2.159/21), que facilita o acesso a este passe.

Nathália Messina, articuladora estratégica do Instituto Juruá, foi a responsável pela assinatura da carta pelo Instituto Juruá. Para ela, se posicionar contra o Pacote da Destruição era necessário, visto que os projetos de lei “incidem diretamente sobre territórios protegidos ambiental e socialmente e que em algum momento, se aprovados, podem alcançar diversos territórios brasileiros e da Amazônia, incluindo o curso médio da bacia Juruá”.

Além do apoio de organizações sociais, a manifestação também contou com a cooperação de diversos artistas, com destaque a Caetano Veloso, que encabeçou o movimento. O manifesto do Ato foi entregue aos ministros do Supremo Tribunal Federal Rosa Weber, Carmen Lúcia, Luís Barros e Alexandre de Moraes por alguns artistas e manifestantes antes do início das atividades culturais.



Foto: Rud Rafael.

Rud Rafael, da coordenação nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, foi um dos responsáveis pela organização do Ato. Para o ativista, um ponto de destaque foi a presença de diferentes movimentos e organizações sociais, juntamente com grandes artistas brasileiros: “um engajamento extremamente importante que fez com que o ato tivesse furado a bolha, tivesse muita juventude envolvida, espontânea, um público que a gente não vê em todos os atos normalmente”.

Para o ativista, que esteve presente na manifestação em Brasília, o Ato foi “gigantesco do ponto de vista de mobilização, e eu acho que trouxe um encantamento, um sentimento de esperança muito grande [...] acho que conseguiu colocar na agenda política da sociedade brasileira esse tema que por muito tempo também foi invisibilizado”.

Apesar da significativa manifestação, ainda há muito trabalho a ser feito. Antes mesmo do encerramento do Ato, a Câmara dos Deputados aprovou o regime de urgência para o Projeto de Lei 191, que trata sobre a exploração predatória das terras indígenas para a mineração - uma das principais reivindicações do Abril Indígena, que chega em 2022 com a 18ª edição do ATL - Acampamento Terra Livre.

O Instituto Juruá reafirma o apoio ao movimento, como explica Messina: “Por isso nos unimos a movimentos como este de tamanha expressão sociopolítica, artística e cultural, reunindo vozes para, juntos, produzirmos um futuro saudável à vida humana na Terra”.





NEWSLETTER

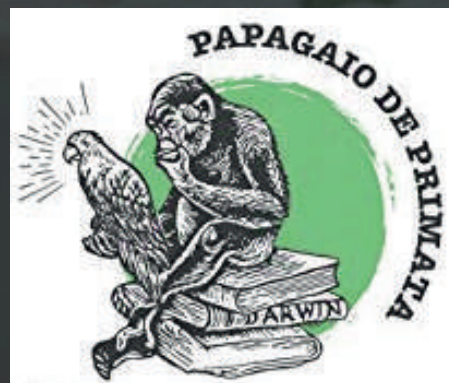
ABRIL 2022

IJ INDICA



A ARTE CERÂMICA DAS MULHERES BANIWA - EXPOSIÇÃO DO MUSEU DO ÍNDIO EM CARTAZ NO GOOGLE ARTS E CULTURE.

PAPAGAIO DE PRIMATA - PODCAST DESCONTRAÍDO SOBRE ASSUNTOS DO COTIDIANO VINCULADOS AO MEIO AMBIENTE.



ENCERRAMENTO DA 1ª MOSTRA INTERCULTURAL DE MODA INDÍGENA DE MANAUS, DIA 23/04 ÀS 18H NO SUMAÚMA PARK SHOPPING, MANAUS (AM).

CONSIDERE APOIAR O INSTITUTO JURUÁ PARA FORTALECER AS AÇÕES COMUNITÁRIAS DE PROTEÇÃO DA FLORESTA. UM FUTURO JUSTO E PRÓSPERO PARA A AMAZÔNIA SÓ SERÁ POSSÍVEL COM O PROTAGONISMO DOS POVOS DA AMAZÔNIA!

Visite nosso site:



INSTITUTOJURUA.ORG.BR



Equipe de comunicação do Instituto Juruá:
Clara Machado, Andressa Scabin e Nathalia Messina

Tradução:
Daniela Souza, Jorcianne Ferreira e Monique Oestreicher

Diagramação:
Tuila Tachikawa e Talia Sabrine